



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I (DEDC I)
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LARISSA SODRÉ SOUZA

PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR DE
ESTUDANTES COM ESPECTRO DO AUTISMO

SALVADOR

2021

LARISSA SODRÉ SOUZA

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR DE
ESTUDANTES COM ESPECTRO DO AUTISMO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada Plena. Orientador: Prof. Dr. João Danilo B. Oliveira.

SALVADOR

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I

Ficha catalográfica: Célia Maria da Costa – CRB5/918

S 729p Souza, Larissa Sodré

Produção científica sobre inclusão escolar de estudantes com espectro do autismo / Larissa Larissa Sodré.- Salvador, 2021.

45 f.

Orientador: João Batista de Oliveira.

**TCC (Graduação - Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Campus I. 2021.**

Contém referências.

1. Autismo. 2. Transtorno do espectro autismo. 3. Educação inclusiva. 4. Educação especial. 5. Autistas – Educação – Estudo de caso. 6. Inclusão escolar. I. Oliveira, João Batista de. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. III. Título.

CDD:371.94

TERMO DE APROVAÇÃO

LARISSA SODRÉ SOUZA

PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM ESPECTRO DO AUTISMO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em 16 de dezembro de 2021.

ORIENTADOR: JOÃO DANILO BATISTA DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE ESTADO DA BAHIA

XXXXXXXXXXXX

UNIVERSIDADE ESTADO DA BAHIA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

UNIVERSIDADE ESTADO DA BAHIA

SALVADOR

AGRADECIMENTO

Aqui, em priori, deixo minha gratidão a Deus, por ter me concedido a honra de estar com saúde, coragem e força diante das dificuldades encontradas no caminho durante o processo de formação, agradeço a sabedoria e discernimento em momentos de dúvidas. Sigo na fé!

Em seguida, deixo um emocionado agradecimento a minha filha Ana Mila que ao nascer me trouxe esperança por dias melhores, VOCÊ ofereceu-me abrigo em seu olhar de ternura, a cada momento de exaustão. Você é a razão da minha persistência nessa caminhada.

Sigo agradecendo às pessoas que estiveram ao meu lado, acreditando no meu potencial, por tanto, exerceram influências para aquisição de conhecimentos para além da carreira acadêmica, sobretudo conhecimentos agregados à vida. Um obrigada carinhoso e cheio de afeto aos meus familiares que sempre estiveram me doando apoio. Minha mãe pelas palavras por vezes ácidas de incentivo.

Agradeço a minha irmã, Liz, Por diminuir a distância que ainda nos separa , pode perceber seu carinho e atenção. Tão igual agradeço aos primos e primas que doaram seu amor desde a infância, me acolhendo como irmã. Com vocês, nunca estive sozinha: Clarice (Lau), João Paulo (Paulinho).

Sou grata também, ao meu namorado Roque, seu ânimo para estudar me contaminou, sempre esteve disponível para atender as dúvidas e me ajudar a encontrar hipóteses de respostas coerentes. Sua parceria sem dúvidas foi fundamental, me impulsionou a busca pela informação. Você foi incrível!

Um agradecimento especial aos meus amigos: Carol (Rol), Rafael (Rafa); Juliana (maflor), Daiane (Dai), Raquel (Quel), Daiana (Dadai) e Andrea (Deia). Vocês me enchem de alegria, esbanjam entusiasmos nessa caminhada rumo ao sucesso. Foram as melhores companhias, por vezes que estive desanimada me contaminaram com boas risadas.

Um obrigada a todos os companheiros de trabalho, amigos que conquistei na jornada profissional, que compartilharam o saber, suas experiências, que me acolheram e retribuíram todo carinho, cuidado e atenção. Deixo aqui por fim e com muita gratidão um agradecimento ao meu orientador, João Danilo Batista de Oliveira, pela troca constante de ideias, sua calma e tranquilidade transmitiu-me paz e me fez caminhar com leveza nesse trabalho.

EPÍGRAFE

“Quem me dera ao menos uma vez, ensinar
o que ninguém consegue entender”

Renato Russos-Índios.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como objeto de estudo a revisão de “produções científicas na área de educação especial com perspectiva inclusiva acerca da inclusão escolar de estudantes com espectro do autismo. **Método** - Toma como referência teórico-metodológica a pesquisa de revisão de literatura, de natureza indireta e com características do estudo exploratório. As bases de dados pesquisadas foram Scielo e Google Academic, tendo como recorte temporal os estudos datados no intervalo de 2010 a 2020. Foi realizado acesso a documentos de apoio sobre Políticas de Educação Especial, no Portal Mec e aprofundamento em leitura através de biblioteca virtual das autoras Maria Teresa Eglér Mantoan e Ana Beatriz Barbosa em seus trabalhos atuais falando sobre inclusão e TEA. Os descritores utilizados para a busca foram “TEA e inclusão escolar” e “inclusão e autismo”. **Objetivo** - analisar a produção científica sobre a inclusão escolar de estudantes com o espectro do autismo em artigos científicos da área de educação. **Referencial teórico** - autores que discutem os conceitos e princípios da educação especial sobre a perspectiva inclusiva que discutem as questões de acesso, permanência, aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes público alvo da educação especial na escola comum regular. Foram localizados no total 10 artigos publicados no período entre 2012 e 2018 , a partir de uma análise crítica apenas 5 foram selecionados e realizada a investigação de conteúdo, a maioria caracterizou-se como empírico de abordagem quantitativa. De modo mais amplo, a revisão revelou um panorama de uma década na qual tende a exigir mais da escola entendendo a necessidade de materiais de natureza educativa, pois percebe-se uma carência nacional de publicações.

Palavras-chave: Transtorno do espectro do autismo. Educação Inclusiva. Educação Especial

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	EDUCAÇÃO INCLUSIVA	11
2.1	INCLUSÃO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM TEA	13
2.2	A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA TEA E A ESCOLA	15
2.3	APONTAMENTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E EDUCACIONAIS	18
3	METODOLOGIA DO ESTUDO	21
3.1	BASE DE DADOS DO ESTUDO	21
3.2	LEVANTAMENTO, ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	22
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	23
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Analisando o contexto atual de alunos diagnosticados com TEA no Brasil, infere-se o quanto a educação inclusiva é importante, porque é uma prática pedagógica que atende a todos os alunos sem distinção, analisando as habilidades e competências de cada aluno permitindo a presença e a participação de todos os alunos. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão literária nacional de periódicos científicos atuais sobre a inclusão de alunos com TEA nas redes de ensino regular. Num reforço ao escrito, em ao pressuposto Maria Tereza Mantoan diz em seu trabalho autoral *Inclusão Escolar: O que é? Para quê? Como fazer?* : “Ocorre que, saibamos ou não, estamos sempre agindo, pensando, propondo, refazendo, aprimorando, retificando, excluindo, ampliando segundo paradigmas”.

Observa-se que existe um número significativo de alunos com deficiência matriculados nas redes de ensinos regulares em escolas particulares do Brasil, assim como a ingressão excedente de alunos diagnosticados com espectro autista TEA, sobretudo ainda na infância, tendo como porta de entrada a educação infantil. Isso ocorre com base em diversos trabalhos sobre *Inclusão Escolar de Crianças com Transtornos do Espectro Autista*. Salienta-se também a importância da Declaração de Jomtien, também conhecida como Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), juntamente com a Convenção de Direito da Criança (UNESCO, 1988) e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), estabeleceu-se que toda pessoa (criança, jovem e adulto) deveria usufruir das oportunidades educacionais voltadas às suas necessidades de aprendizagem.

Dessa forma, a escola é a instituição social que deve proporcionar ao sujeito para além de interação social, acesso ao conhecimento crítico, produzido e sistematizado historicamente. Se a inclusão exige por um lado o direito à frequentar a escola e classe comum regular, por outro lado o acesso aos serviços especializados da educação especial na perspectiva inclusiva para atender as necessidades específicas desses estudantes ainda é precário.

Apesar de instituída a lei assistida pelo estado, que assegura e promove condições de igualdade no âmbito escolar, percebe-se que, ainda carece, a informação sobre o Transtorno do Espectro Autista- TEA, que promova ação de incluir a partir da ideia de ensinar dentro de propostas curriculares que atentem para a necessidade individual do aluno em evidência aqui nesse trabalho, assim como, a falta de recursos e adaptações físicas quanto ao espaço atuante.

Logo, A motivação inicial pelo estudo desta temática é de caráter pessoal, no entanto à medida que me envolvo no estudo e trabalho com esse tema vejo sua relevância social e

acadêmica, na área de educação e da pedagogia. A escolha da temática surgiu a partir de uma experiência, através da qual, afetivamente, me envolvi na dinâmica de trabalho, após descobrir através de um diagnóstico que o filho de uma amiga havia sido diagnosticado com (TEA) Transtorno do Espectro Autista. Era iminente a falta de conhecimento de toda família para lidar com as situações peculiares que envolviam comportamento, linguagem verbal e intervenções adequadas às dificuldades que envolviam a característica singular da criança, assim como, a peregrinação para tornar real a ingressão na escolaridade regular.

A criança, necessitou de acompanhamentos e mediações específicas para alcançar desenvolvimento estimado, o que me fez buscar informações e entender as dificuldades que acompanham o transtorno, tive resposta que frustrou a expectativa na tentativa de encontrar material que atendessem a realidade atual do TEA quanto a inclusão escolar efetiva e questões que afetam diretamente o desenvolvimento no espaço escolar e relação desse espaço e sujeitos. Desta forma, este estudo afirma que se faz necessário nas escolas mais formação dos profissionais que lidam diariamente com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), assim como, é muito importante a atuação conjunta de psicólogos, pais e professores passa a ser indispensável na organização de condições que favoreçam o desenvolvimento desse grupo de sujeitos.

Nessa senda, o objetivo geral desse trabalho é identificar e descrever quais questões e contextos sobre a inclusão de estudantes com autismo na escola comum regular vem sendo mais abordados como objeto de pesquisa na área de educação. Já os objetivos específicos são: identificar na literatura científica da área de educação os objetos de estudo sobre a inclusão dos estudantes com autismo no contexto da inclusão escolar; mapear estudos que tenham investigado por meio de revisões de literatura a produção científica sobre inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista e discutir a inclusão dos estudantes com TEA a luz da produção científica da área.

Neste sentido, a questão central de investigação neste estudo é, a saber: De que forma a inclusão de estudantes com TEA na escola comum regular vem sendo abordada na produção científica da área de Educação? A partir desta questão central, questões secundárias são definidas: Que objetos e enfoques essa questão da inclusão destes estudantes vem ganhando nas pesquisas realizadas? Que tipos de estudos vêm sendo realizados sobre este tema? Quem são os atores investigados nos estudos?

2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

É árdua a luta por uma educação que inclua alunos atípicos. Em passos lentos vem acontecendo e rompendo barreiras, no ato corajoso de profissionais sensíveis às causas, pais e familiares ao expor as necessidades e insatisfação, impondo atitudes idealistas, numa democratização da educação baseada na prática discriminatória vivida anteriormente por muitos períodos, deste modo fazendo história através das conquistas na educação brasileira.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. DUTRA, Cláudia, GRIBOSKI, Cláudia, ALVES, Denise, BARBOSA, Katia. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. (Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008).

Dessa maneira, o ano de 2008 ficou marcado na história da educação no Brasil, pela ação política elaborada e publicada na perspectiva da Educação Especial e Inclusiva. O que marca a materialização das conquistas alcançadas são os interesses comuns, muitos pais e familiares, que antes já tinham se unido em associações, para atender dificuldades semelhantes, em ambientes acolhedores, como a Associação de Amigos Autistas (AMA).

A Inclusão Escolar faz parte de um movimento muito maior que é a inclusão social de todas as pessoas que, ao longo da história foram discriminadas, segregadas e afastadas da convivência com outras pessoas consideradas "normais", conforme afirma Mantoan (2017). Portanto, a educação inclusiva faz parte de um processo histórico que envolve uma série de mudanças no que diz respeito à estrutura educacional, incluir não é somente matricular no ensino regular, mais uma gama de fatores como: formação e qualificação dos professores, envolvimento da escola com os pais e a comunidade para entender que é inclusão.

Porém, na prática os alunos com autismo são muitas vezes limitados a conviver e aprender com sistema educacional personalizado através das próprias caracterizações simbólicas que carregam o espectro, sobretudo pela caracterização comportamental, que exige adequações diante da incompetência social. Alunos com diagnósticos de TEA não tinham seu lugar em ambientes de interação social que os desafiam a aprender com muitas variantes e estímulos, em ambientes como escolas regulares, nas quais cada um carrega sua especificidade, dificuldade notória ou invisível.

Incluir um aluno com TEA requer antes de se pensar na estrutura física da escola, pensar nos envolvidos, no processo educacional. Ao aceitar este aluno, sua inclusão necessita ser a

porta de entrada para sua vida escolar e profissional quando atingir a maioridade. De acordo com a fundamentação teórica e a pesquisa realizada, pode-se constatar que para o processo de inclusão acontecer efetivamente é necessário que barreiras sejam removidas e aspectos da educação sejam repensados.

Por isso, é essencial destacar o trabalho sobre Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a partir da Análise da Produção Científica disponível na SciELO Brasil (2005-2015), das autoras Fabiana Ferreira do Nascimento , Mara Monteiro da Cruz e Patrícia Braun , as quais sinalizam a importância do acesso à escola e sobretudo a garantia de permanência e promoção de aprendizagem, que independa das condições do aluno, as pesquisadoras mostram uma preocupação com o processo de escolarização que preze pela estrutura física, recursos e adaptações curriculares adequadas.

Para esclarecer o ponto de vista sobre o mapeamento feito por elas acerca da escolarização que vem sendo exercida por profissionais despreparados as autoras utilizaram do senso de Perrenoud (2001), que afirma “ a escola é responsável por instituir sistemas onde alguns terão sucesso na vida escolar e outros serão fadados ao fracasso”. Justificando essa ideia, elas ainda apontam no estudo os três mecanismos nos quais a escola se apoia segundo o Sociólogo e Antropólogo: o currículo, suportes de apoios e formas de avaliação.

Agora com Juliana de Oliveira e Cristiane Silvestre de Paula no trabalho Estado da Arte sobre Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno do Espectro Autista no Brasil, temos um olhar mais crítico sobre a prática que foge da entrelinhas de documentos com decretos e leis, tais como: a Lei de Diretrizes e Bases Da Educação LDBEN, esse documento segundo as pesquisadoras conforme citado em Brasil (1996.Art.1) diz no artigo 1 que “a educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Ainda segundo as autoras citadas no parágrafo anterior há outra vertente ao arcabouço no que tange às políticas legais de educação inclusiva de indivíduos com necessidades educativas especiais (NEE),para sustentar essa ideia,temos pesquisadores que acreditam que a inclusão do modo como vem ocorrendo se caracteriza como uma inclusão selvagem na medida em que desconsidera as reais condições dos sujeitos. Preconizam que a uniformidade que vem sendo imposta pelas leis atuais representa um equívoco e que em função disso a educação vem ocorrendo de forma inapropriada representada pela falta de recursos físicos e humanos. (Apud BEYER, 2005; MENDES,2006; MAZZOTTA, 2008).

Isso se deve por conta do longo período no qual, muitas escolas se acomodaram ao modelo de ensinar para “iguais”, com uma estratégia e práticas pedagógicas voltadas aos alunos típicos, delimitou desta forma, ao privilégio desse grupo, não se preocuparam por construir outras lógicas de ensino e assim, atender as mudanças seguintes que envolvem a prática da educação inclusiva. Ainda hoje, sentimos o reflexo desse hábito discriminatório, costumamos vivenciar, aluno autista, sem entender a dinâmica da sala que ocupa, sem estar ciente do contexto através de discursos explicativos dos conteúdos, sem entender as perguntas geradoras de debates, sem até mesmo, participar da rotina que envolve procedimentos no dia a dia, que envolve o grupo, ou seja, é uma exclusão, que pode ser atribuída a falta de formação de profissionais da educação frente à escolarização de alunos dentro do espectro autista.

2.1 INCLUSÃO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM TEA

A Educação Inclusiva é uma ação educacional humanística, democrática, amorosa, mas não piedosa, que percebe o sujeito em sua singularidade e que tem como objetivo o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. Como a escola regular não se abria para a maioria das pessoas então consideradas “doentes”. Surgiram as escolas especiais, como espaço exclusivo para as crianças e os jovens, cuja deficiência motivou a sua exclusão da escola regular, sob a justificativa da necessidade de um atendimento especializado.

No Brasil, o governo criou políticas e diretrizes que proporcionaram as condições de acesso aos espaços e aos recursos pedagógicos necessários à inclusão. Além disso, viabilizam ferramentas que apoiam os profissionais na atuação e na compreensão da inclusão escolar, bem como no processo de organização da aprendizagem com vistas à valorização das diferenças, de forma a atender às necessidades educacionais dos alunos. (CABRAL e MARIN, 2017).

Conforme Camargo e Bosa (2009, p. 65), “o autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses”. Nesta perspectiva, Martins, Preusseler e Zavschi (2002, p. 41) enfatizam que “os transtornos invasivos do desenvolvimento caracterizam-se por prejuízo severo e profundo de 8 diversas áreas do desenvolvimento”. Entre as dificuldades, Martins, Preusseler e Zavschi (2002, p. 41) descrevem, “nas habilidades de interação social e comunicação, associadas à presença de comportamento repetitivo e/ou restrito e interesses em atividades estereotipadas, que representam um desvio acentuado em relação ao nível de desenvolvimento”. Portanto, conforme os autores acima citados, o autismo

compromete três áreas importantes no desenvolvimento da criança: a interação social, a comunicação e o comportamento.

Nessa perspectiva o papel do professor nesse processo assume fundamental importância, já que sua ação mediadora é imprescindível na promoção de culturas e práticas inclusivas no contexto escolar. Mesmo que não caiba à escola o papel de transformação das desigualdades econômicas e sociais, a educação tem um papel preponderante na denúncia dos fatores que acentuam a exclusão, procurando formar sujeitos críticos que, organizados socialmente, contribuam para a superação de relações assimétricas de poder.

Dessa maneira, salienta-se que a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar (PNEEPEI) de 2008 já garantia direitos aos alunos com deficiências e com Transtorno do Desenvolvimento Global, porém um importante marco na década atual foi, a lei foi criada pelo Governo Federal, a fim de eliminar barreiras, para participação plena dos estudantes com dificuldades e necessidades específicas, através de acesso à escola comum e uma educação especial com propostas pedagógicas integrativas, para tanto em 2015 foi aprovada a Lei Brasileira de Inclusão (LBI).

A intenção foi garantir e legitimar as garantias tais como a matrícula, acesso à escola de ensino regular, tornando crime a recusa de representantes nas instituições, porém necessitou passar por algumas revisitações na última década, para alcançar as necessidades de sujeitos a partir das demandas de suas necessidades reais dentro das salas de aulas diante da diversidade e singularidade de pares dentro de grupos, ou seja, fez-se necessário remover lacunas e estender garantias nos espaços de educação privada de ensino regular no País.

Em contrapartida ao movimento de incentivo legal à educação inclusiva, as autoras Angela Helena Marin e Cristiane Soares Cabral insistem em sinalizar em resultados a partir de pesquisas, que os principais resultados remetem para dificuldades de comunicação, desconhecimento das características da criança com TEA e carência de estratégias pedagógicas que impactam no processo de aprendizagem dessas crianças, dados que têm sido corroborados por outros estudos, como o de Nunes, Azevedo e Schmidt (2013).

Logo, dentro dessa área da inclusão o artigo de Fabiana Ferreira do Nascimento e Mara Monteiro da Cruz, ambas falam de achados de outros trabalhos realizados por pesquisadores sobre a prática inclusiva em redes de ensino regular no trabalho Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a Partir da Análise da Produção Científica Disponível na SciELO Brasil (2005-2015). Aqui elas esbanjam o que foi descoberto a partir de categorias analisadas: “No contexto sala de aula Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014) desenvolveram análises das interações sociais de crianças com TEA em escolas regulares. As

autoras constataram que a escola pode proporcionar a oportunidade de convivência com outros (pares e professores) e estabelecer mediações que podem favorecer a aquisição de habilidades e conhecimentos, considerando áreas como habilidade e interação social, linguagem e comunicação e comportamento”.

Já no artigo Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA das pesquisadoras Carla Biancha Angelucci e Isabel de Barros Rodrigues, expôs um ponto marcante, esclarece através de um excelente trabalho dividido por três categorias temáticas dentro do contexto de estudo, quando se refere ao diagnóstico do aluno, elas descobrem, a existência de pesquisadores que parecem oscilar entre uma posição que entende o aluno a partir de seu diagnóstico e outra que critica as pré-concepções sobre o “transtorno” como paralisantes para ação do professor. É possível na prática diária escolar perceber essas ações: “Os alunos são olhados a partir do viés dos grupos de sintomas, que são compreendidos como características próprias das crianças assim diagnosticadas”. (ANGELUCCI e RODRIGUES, 2018).

2.2 A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA DO ESTUDANTE COM TEA E A ESCOLA

Todos nós somos partes integrantes de uma determinada família, partindo desse pressuposto, o significado de família é muito singular para cada sujeito, cada um constrói sua identidade a partir das relações nessa tribo, sobretudo, com as experiências que se apropriam no convívio diário. Muitos de nós crescemos com um padrão estabelecido de um núcleo familiar constituído por pai, mãe e filhos. Para autora, Danda Prado, em seu trabalho sobre o que é família, esses muitos, não conviveram com essa estrutura de sujeitos em relações estabelecidas ao modelo chamado tradicional ou “normal”, para tanto se define na contemporaneidade conceito de grupo de pessoas com a mesma ancestralidade, comum, pessoas que vivem sob mesmo teto, de família.

A conjuntura social mudou com o passar do tempo, é bem verdade, entretanto, estudos antropológicos apontam, que, construir uma família ainda é uma das variadas convenções sociais, que desperta o desejo de muitos casais. Esse desejo é acompanhado, na maioria das vezes, pelo anseio de ampliar laços afetivos, nutrindo assim a ideia de estabelecer vínculo de parentesco com um indivíduo de mesmo sangue, ou admitido por adoções, um ser que chamamos de filho. Muitas são as expectativas criadas pelos casais que são acometidos por esse desejo, ter um descendente que se assemelha às características físicas, um indivíduo de mesma estirpe, traços e comportamentos comuns.

Ainda no livro, o que é família, a professora escreveu sobre um fator muito importante, o lugar que ao que parece é sustentado a décadas e que atualmente ocupa-se as crianças na maioria das famílias brasileiras, lugar este de indivíduo apropriado pelos pais, sejam eles biológicos os adotivos. Essa posse, exige por outro lado dos adultos responsáveis pelo núcleo familiar, posicionamentos, eles necessitam gerenciar as demandas que vão surgindo no caminhar do desenvolvimento em cada fase da criança. No caso de crianças, dentro do espectro autista (TEA) os direcionamentos precisam ser específicos para atender as questões que englobam as especificidades de cada um.

A família é a primeira instituição na vida de um sujeito, é o encontro da criança com pares, a relação social construída nesse convívio é muito importante, pois oferece base sólida para as relações posteriores. E na escola, a criança tem a oportunidade de ampliar o contato social e relações entre pares diversificados a partir de regras de convívios. Por esta razão, é importante que as duas instituições, família e escola, sejam parceiras e ajudem na ingressão de alunos atípicos na escolaridade.

Parcerias são excelentes em qualquer circunstância, pois se assumem em conjunto os objetivos e metas a serem alcançadas em largo ou curto tempo. Pude perceber em algumas escolas particulares de Salvador, nas quais tive o privilégio de adentrar nas propostas de ensino, com a rotina diária, a falta de um planejamento com propostas de intervenções adequadas a cada sujeito autista, me fez perceber a necessidade de criar encontros com a família para ampliar o conhecimento do corpo docente sobre as peculiaridades do aluno TEA, assim como, atividades adaptadas que estendesse o tempo de atenção e assegurasse o interesse a partir de reforçadores, procedimentos estes, visando o benefício deste processo de aprendizagem.

Na relação familiar é sabido, que a maioria das crianças com TEA aprende a se comunicar e se relacionar, de modo que, o laço de afetividade ajuda no processo de aquisição de conhecimento através da relação social. Dorothy Law e Rachel Harris (2003) no livro de suas autorias, “As crianças aprendem o que vivenciam”, afirmam, pois que a experiência também é cercada por conflitos e diferenças, porém, são necessárias para tirar da zona de conforto sujeito com repertório de ações e desejos restritos. Ainda, segundo as autoras, é dentro desse ambiente, inúmeras particularidades emergem, quando se tem um sujeito com alterações no desenvolvimento em casa, essa diferença é explícita e exige dos familiares cuidados, quanto aos fatores que levam esses sujeitos a se comportarem pelos julgamentos de inadequações. Segundo Mônica Santos (2009), no tocante à relação entre família e escola, é preciso que ambas assumam um compromisso de reciprocidade, onde as responsabilidades sejam divididas igualmente:

No que cabe às relações entre família e escola, torna-se imperativo assumir um compromisso com a reciprocidade. De um lado, a família, com sua vivência e sabedoria prática a respeito de seus filhos. De outro, a escola com sua convivência e sabedoria não menos prática a respeito de seus alunos. É preciso entender que esses mesmos alunos são também os filhos, e que os filhos são (ou serão) os alunos. Dito de outra forma: cabe às duas instituições mais básicas das sociedades letradas o movimento de aproximação num plano mais horizontal, de distribuição mais igualitária de responsabilidades. (2009, p. 05)

Por conseguinte, traduzir o autismo exige, aparentemente, mais do que atender às necessidades de uma pessoa, ou às expectativas sociais; exige o engajamento na cocriação de um mundo compartilhado possível, no qual as diferenças entre as pessoas – não apenas do “espectro autista”, mas do amplo espectro humano – possam ser mais bem aproveitadas por elas mesmas. A vida escolar é um direito de toda criança, as expectativas de uma família ao matricular seu filho autista em uma escola de ensino regular são iguais às de uma família de uma criança sem dificuldades específicas e notórias, nem necessidades especiais aparentes.

Partindo desta perspectiva, acredita-se que a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão. Assim, constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano, sendo responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado. No artigo inclusão Escolar de Crianças com Transtornos do Espectro Autista: Uma revisão sistemática da literatura, as autoras descobriram que, outro tema complacente, mas menos pesquisado, diz respeito à família, ressaltando a importância de pais e professores estabelecerem parceria e trocarem experiências. Tal relação poderia possibilitar o melhor entendimento do comportamento da criança com TEA nos contextos familiar e escolar e contribuir para o seu desenvolvimento, especialmente quanto às dificuldades de aprendizagem e interação social (CABRAL e MARIN, 2017).

A proposta de incluir crianças com TEA deve ir além da ingresso de alunos com especificidades definidas, que precisam aprender conteúdo dentro do seu ciclo, período estimado, ou seja, manter essa criança no espaço em que se aprende no grupo, com as relações sociais de pares, através de regras e combinados. A família precisa ser participativa desde a matrícula, apontando as dificuldades e especificidades, para que a vida escolar dos alunos nas séries iniciais seja bem sucedida, de avanços no desenvolvimento de aprendizagem segura, que seja sustentada posteriormente ao passar para ensino fundamental e médio. A escola e a família precisam alinhar os objetivos e lançar propostas a partir de meios responsáveis e seguros, porque quando se trata de desenvolvimento de aprendizagem e maturação todos se enquadram

no mesmo anseio, desta forma cada vez mais cedo as crianças são ingressadas nos espaços escolares, é o que podemos ver hoje, crianças com necessidades dentro do TEA nas redes de ensinos regulares.

É importante mencionar o que ocorre em algumas escolas privadas do Brasil é a ingresso dessas crianças autistas apenas com propósito de socialização, menosprezam muitas vezes as capacidades individuais que cada sujeito carrega com sigilo, enxergam a deficiência em primeiro lugar e anula as potencialidades que poderiam ser estimuladas com interferências precisas. Alguns familiares atuam junto a esse problema se opondo a não frequentar a escola e adentrar na proposta de ensino, segundo o educador, Içami Tiba, quando existe a princípio o diálogo entre escola e família e os pais da criança autista os lucros são notórios, pois estes conseguem através de alianças, falar a mesma língua no que se refere ao desenvolvimento e bem-estar do aluno em questão.

Deve ser pensado o melhor método de ensinar, a melhor ferramenta de se trabalhar com essas crianças, não focando nas dificuldades, mas na direção que os alunos nos levam, na oportunidade que se faz aprender sob influência do interesse, muitas vezes restritos. É sabido que educar é uma tarefa de grande responsabilidade e exige preparo, capacidade e vontade dos educadores. Para alcançar metas e objetivos devemos nos concentrar em desenvolver habilidades e competências dos nossos alunos a fim de tornar o sujeito aprendiz um cidadão consciente de seus direitos e deveres na sociedade com autonomia nos seus desejos.

2.3 PESSOAS COM TEA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E EDUCACIONAIS

O autismo, por sua vez, é um transtorno global do desenvolvimento, que se manifesta na infância, o transtorno global acomete cerca de 70 milhões de pessoas no mundo (BEATRIZ BARBOSA, 2012. p 14). Parece que houve uma explosão de número de casos ao longo desse periódico no qual se refere à pesquisa. De acordo com dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), são diagnosticadas com TEA uma em cada 160 crianças, acredita-se que o aumento do número de casos pode ser explicado pelo aprimoramento do diagnóstico.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um termo guarda-chuva que se refere a diversas condições caracterizadas por déficits na comunicação, interação social e linguagem não verbal, segundo Pimenta (2021) em seu texto publicado através da plataforma Vittude que faz acompanhamentos multidisciplinares atendendo ao público autista. Estendendo seu ponto de vista aqui no trabalho, a psicóloga diz: Há uma incidência maior de casos de autismo em

homens do que mulheres. Diversas pesquisas sugerem uma maior vulnerabilidade do sexo masculino a transtornos neurológicos, como TEA

O transtorno apresenta quatro paradigmas distintos, segundo a autora Andrea Soares Wuo do trabalho Educação de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016). Ao se referir à pesquisa realizada no trabalho de Fadda e Cury (2016) sobre revisão de literatura acerca das explicações etiológicas do autismo. Segundo a Socióloga, no trabalho dos autores citados existe paradigma biológico-genético, que entende o autismo como doença neurológica congênita; o paradigma relacional, que atribui às causas do autismo as falhas na relação mãe-bebê; o paradigma ambiental, que define o autismo como uma lesão neurológica provocada por agentes ambientais no período pré-natal, perinatal ou pós-natal; e o paradigma da neurodiversidade, que refuta os três paradigmas anteriores, pois vê o autismo como uma diferença que caracteriza a singularidade do sujeito e não uma doença que precise ser medicada, controlada, diagnosticada.

Já Ferreira (2021), nos traz em seu trabalho, Traduzindo o Autismo uma definição que caracteriza o autismo na contemporaneidade. O autor aponta o autismo como uma realidade social com história, legislação, mercado, política, arte, filosofia, linguagem, instituição, cultura, modo de vida, experiência vivida, sofrimento e alegria. O pesquisador, ainda, engrandece e traduz conceitos do filósofo Deleuze (2016), quando o mesmo, em sua obra, contraria a sociedade que tira a real definição do sujeito comprometido com o estado de simbiose visível, estado este, que o coloca numa condição íntima de coexistência com o mundo exterior e torna-se, pois um sujeito que se isola.

De fato o que se sabe do transtorno segundo a psiquiatra Dr. Ana Beatriz Barbosa, é que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga para vida adulta (MUNDO SINGULAR 2012). Na maioria das vezes, o diagnóstico assusta a família, pois a sociedade costuma ignorar a diversidade e a diferença, ainda que discuta com frequência o assunto. Consoante aos primeiros estudos de Leo Kanner, o autista vive numa extrema solidão, “onde o contato físico direto e os movimentos ou ruídos que ameaçam romper a solidão são tratados como se não estivessem ali, ou, não bastasse isso, são sentidos dolorosamente como uma interferência penosa” (BELISÁRIO e CUNHA, 2010, p. 09)

Segundo a neurocientista Dr Fabiele Russo, fundadora da revista Neuroconecta : “A utilização dos recursos didáticos corretos é fundamental para que a pessoa com TEA absorva os conteúdos educacionais e realmente aprenda. Por isso, uma forma de melhorar o aprendizado é investir na adaptação dos conteúdos didáticos. Isso é necessário porque os autistas sentem

dificuldade de aprender da forma tradicional e ter esse apoio pedagógico facilita o processo de aprendizagem”.

Ainda segundo a pesquisadora e incentivadora de informações é necessário sim adaptar material pedagógico com base no modelo curricular de acordo com a necessidade e peculiaridade do aluno com TEA, porém deve-se sempre estar atento à integridade desse currículo em sua base original. O que aqui é essencial é a maneira de se ensinar, para que aluno autista está ensinado e de que forma esse sujeito vai receber o conteúdo em qual ambiente foi possível fazer o trabalho de ensino.

Atualmente existem métodos e ferramentas, modelos clínicos com base na Psicologia comportamental que ajudam a ministrar em sala de aula, conteúdos para crianças com as necessidades específicas com as que carregam os autistas, como o TEACCH, programa de ensino que se correlaciona com as necessidades através de uma estrutura de adaptações que permitem o acesso ao conhecimento de forma mais prática, sensorial e motor através de modelagem. Além disso, o programa estimula a autonomia. Essa ferramenta ajuda os educadores a mediar dentro e fora de sala de aula a partir de uma demanda singular em qualquer grau de autismo, porém é perceptível que para que ocorra o desenvolvimento se faz necessário a parceria entre a escola e a família.

3 METODOLOGIA DO ESTUDO

A metodologia é sem dúvidas um instrumento importante numa pesquisa. Minayo (2003) caracteriza o movimento metodológico do estudo como sendo “[...] o caminho do pensamento e a prática na abordagem da realidade” (p.16). Através da metodologia, pode-se valorizar um lugar ideal de investigação, solidarizando com determinado sujeito e abraçando

sua causa, dando significado às inquietudes, lançando metas, sobretudo, apostando nos objetivos do estudo considerando a questão central de investigação. Para isso, faz-se necessário debruçar em teorias, fazendo rastreio de razões pelas quais vale a pena acreditar no trabalho de busca, nesse sentido a teoria é construída para dar sentido no processo.

Neste sentido, o movimento metodológico que adotamos é do estudo de revisão integrativa de literatura, estudando outros materiais que recorreram a esse método. Este tipo de pesquisa permitiu uma pesquisa mais ampla do fenômeno em estudo, além disso, foi possível organizar de maneira prática e eficiente os resultados apresentados por cada estudo considerando diferentes bases de dados e gêneros acadêmicos científicos, a saber, dissertações e teses, artigos científicos, livros, entre outros, para que estes pudessem impulsionar um mapeamento do que vem sendo produzido sobre o tema em estudo: o que traz a literatura sobre aspectos necessários, desafios e perspectivas em relação ao trabalho pedagógico para a inclusão de estudantes com TEA na escola comum regular.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi caracterizada como revisão narrativa de literatura, por tanto um estudo de revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e com base nos objetivos caracterizada como exploratória centrada no objetivo principal no aprimoramento de ideias e descobertas de hipóteses, que aproximasse mais do objeto e no caso do deste trabalho, do que vem sendo revelado na literatura atual sobre o tema em análise.

3.1 BASE DE DADOS DO ESTUDO

A revisão narrativa de literatura no período de 2010 a 2020 considerou como fontes artigos científicos, estudos em língua portuguesa, disponíveis na base de dados do Google Acadêmico na área em estudo. Os descritores utilizados como estratégia de busca dos estudos foram: Inclusão Escolar; Transtornos do Espectro do Autismo; Autismo; Revisão Bibliográfica;

Através destes descritores foram pré-selecionados 25 (vinte e cinco) artigos na fase exploratória do levantamento da literatura (GIL, 2010) a partir dos títulos dos estudos. Destes 25 (vinte e cinco) e em atenção aos critérios de inclusão definidos com base no tema e na proposta somente 05 (cinco) artigos integraram o presente estudo, assim definidos com base de dados do estudo, na etapa de leitura dos resumos, que antecedem o trabalho de análise de conteúdo temática e interpretativa (MINAYO, 1994) por tratarem-se de estudos indiretos, tipo

estudos de revisão de literatura. os demais enquadraram-se como estudos diretos e/ou ensaios teóricos.

3.2 LEVANTAMENTO, ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Feito o levantamento dos artigos que compõem a base de dados deste estudo, através das etapas de busca com os descritores, pré-seleção dos estudos na fase exploratório e depois de seleção dos textos com a leitura dos resumos e de cotejamentos ao texto, em especial aos materiais e métodos para se certificar que se tratava de um estudo de revisão bibliográfica, os textos foram organizados para análise a partir da técnica de análise temática de conteúdo (MINAYO, 1994).

Para Minayo (1994) a finalidade desta etapa da pesquisa é “[...] estabelecer uma compreensão dos dados coletados [...], responder às questões formuladas [...] e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado [...]”. Essa autora propõe que o trabalho de análise temática de conteúdo seja realizado em três etapas: *pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.*

De toda forma a autora destaca que se faz necessário nesse processo organizar categorias de análises. Trabalhar com categorias significa agrupar elementos com características em comum ou que se relacionam entre elas, em torno de um conceito capaz de abranger a todas (MINAYO, 1994). E assim foi realizada a segunda etapa do trabalho, através de uma análise do conteúdo por tópicos geradores.

4. MAPEANDO AS PESQUISAS QUE ESTUDARAM A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TEA

Primeiro foi escolhida a estratégia de pesquisa, explorando a realidade entendendo o contexto, no caso, a partir de evidências da situação atual sobre inclusão de alunos diagnosticados com (TEA) Transtorno do Espectro Autista na realidade escolar da cidade de

Salvador, tendo como base a atuação em algumas escolas particulares de ensino regular. Não foi possível por falta de material de apoio literários publicados dentro do periódico escolhido. Desse modo, fez-se necessário abranger para a realidade nacional, analisando conteúdos por meio de referências.

O segundo passo foi à busca por conteúdos a partir de palavras geradoras, realizando consultas nos sites acadêmicos de pesquisas como google academic e scielo, livros em bibliotecas virtuais e físicos disponíveis e encontramos 25 artigos contendo as palavras chaves consideradas importantes no estudo desse trabalho de revisão literária. A etapa seguinte foi avaliar a qualidade dos materiais dispostos com tema de inclusão escolar de alunos com TEA e averiguar o período de publicação, ano entre 2010 a 2020.

Posterior a ação passada permaneceram cinco artigos dissertativos publicados em revistas acadêmicas disponíveis no site de busca Google Academic: Inclusão Escolar de Crianças com Transtornos do Espectro Autista: Uma revisão sistemática da literatura; Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA; Educação de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016); Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a Partir da Análise da Produção Científica Disponível na SciELO Brasil (2005-2015) e Estado da arte sobre Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno do Autismo no Brasil.

Foi feita uma busca por informações sobre os autores dos trabalhos examinados, no decorrer das leituras, através de seus nomes, regiões e vínculos institucionais. Estes artigos foram analisados e mapeados por tópicos a fim de obter intuitivas respostas para a finalidade da pesquisa, por entre as análises feitas em seus respectivos trabalhos. O artigo Inclusão Escolar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática da Literatura, trabalho das autoras Cristiane Soares Cabral e Ângela Helena Marin, foi realizado a partir de análises por etapas temáticas diante dos materiais encontrados por ambas numa concordância de eliminações tendo como prioridade os objetivos. Deste modo, esse referido trabalho teve como apoio 25 estudos nacionais e 92 internacionais publicados entre 1993 a 2013.

Com a análise criteriosa, as estudiosas puderam resgatar experiências sobre inclusão escolar de crianças com TEA e também fontes importantes de conhecimento respeitando o periódico estabelecido. Debruçando sobre os trabalhos nacionais encontrados, as autoras puderam concluir que, ainda são poucos materiais publicados, sendo estes predominantemente empíricos de natureza qualitativa, ou seja, é precária a discussão nessa área, logo existem poucas reflexões. O mesmo não pode concluir sobre os trabalhos internacionais, pois, por ano

são diversificadas as publicações e foi possível identificar quais temas estão sendo mais investigados sobre a inclusão de crianças com TEA. Puderam ainda concluir que em nível internacional, que há mais de uma década, apresenta-se como objeto de pesquisa o fenômeno de inclusão escolar.

O trabalho Estado da Arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA foi realizado pelas autoras Isabel de Barros Rodrigues e Carla Biancha Angelucci. Uma pesquisa exploratória documental por meio de análise bibliométrica de caráter qualitativo e quantitativo. Com essas pesquisas realizadas a partir de 16 materiais, predominantemente na região Sul e Sudeste do Brasil concentrando maior número de artigos publicados, total de 12 em São Paulo a partir do periódico, foi possível identificar as tendências de produções da temática e também a predominância de autores na área de saúde como, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas, entre outros.

As autoras chamam atenção ao relatar a ausência de artigos na região Norte e a precariedade nas demais regiões, tendo um artigo publicado em periódicos a cada ano. Após a leitura transversal das teses e dissertações, as autoras observaram que dentre os materiais selecionados se alinhavam em duas categorias: críticos e não críticos diante da entrada do diagnóstico da saúde na educação. Alguns pesquisadores segundo as autoras pensavam a educação como meio de reabilitar alunos tomando como referência o diagnóstico biomédico de TEA.

Já outros pesquisadores questionam essa ação anterior, porém não conseguiam sustentar. Diante dos questionamentos e tentando achar um caminho para alcançar os objetivos traçados no trabalho, as pesquisadoras dividiram em três etapas as discussões mais divergentes: diagnóstico do aluno; ensino; experiência subjetiva e laço social. No primeiro tópico há um consenso, muitos autores questionam sobre a comunicação, interação de alunos atípicos com os demais e profissionais da educação. No segundo tópico há uma oscilação entre os pesquisadores que entendem os alunos a partir dos diagnósticos e pensam na escolarização diante desse relato biomédico e outros que criticam a ação que precede a singularidade do aluno com dificuldades específicas e notórias como alunos com TEA e procede diante do diagnóstico. Embora a maioria das fontes aponte a necessidade do professor mediador para o desenvolvimento deste aluno em questão, porém limitam-se aos manuais que apontam as características do transtorno. Entre as três categorias de análise, percebemos que

Os trabalhos que pretendem discutir a escolarização de crianças diagnosticadas com TEA acabam por focar em aspectos específicos desse processo. Entendemos, com isso, que a noção de escolarização é alvo de diferentes interpretações sobre o que seria central para estar

na escola e viver esse processo educacional. No trabalho Educação de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo: Estado do Conhecimento em Teses e Dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008- 2016) a autora trabalhou com teses e dissertações produzidas entre 2008 e 2016 e partiu por duas etapas e pretendendo oferecer uma visão geral do que vem sendo explorado na área, assim como a evolução das pesquisas dentro do periódico. A autora percebeu uma concentração de produções na área da educação no ano de 2014 e 2016. Com a pesquisa é possível, segundo a pesquisadora, através de suas fontes existem indicativos de que para haver uma inclusão significativa de estudantes com TEA, faz-se necessário o processo formativo de educadores, uma qualificação que venha estar nas intervenções diárias.

Agora com o artigo de Fabiana Ferreira do Nascimento, Mara Monteiro da Cruz e Patrícia Braun: Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a partir da Análise da Produção Científica Disponível na Scielo Brasil (2005- 2015). Diz as autoras, conforme citado por Ferreira (2002); Romanowski & Ens (2006), “pesquisas sobre o estado da arte permitem fornecer um panorama geral das produções científicas produzidas sobre um determinado assunto, bem como apontar quais trajetórias e aspectos têm sido mais abordados em relação ao objeto de investigação”.

Essa pesquisa trouxe um levantamento de pesquisas nacionais a partir de uma análise categórica e criteriosa de 22 artigos que contemplaram os pré-requisitos a princípio, num recorte temporal intencional, pois foi a época em que houve um grande investimento organização de Políticas Públicas no Brasil e aprovações legais sobre a inclusão escolar. As autoras exploraram os materiais minuciosamente e apontaram 8 categorias importantes e pertinentes ao tema diante das fontes, informações e assuntos discutidos : 1 práticas pedagógicas; 2 percepções e concepções; 3 competência social e escolarização; 4 linguagem e comunicação; 5 historicidade e revisão bibliográfica; 6 autobiografia e escolarização; 7 recursos tecnológicos e aprendizagens e 8 formações de professores.

As autoras expõem no trabalho suas opiniões sobre os achados e, sobretudo a insatisfação com a precariedade de produções sobre a prática pedagógica, publicadas no periódico, as mesmas puderam encontrar através do mapeamento realizado, total de 6. Diante de tamanho investimento de políticas públicas, com base nas buscas realizadas nos dados da SciELO, chama a atenção o número reduzido de artigos referentes à escolarização de estudantes com TEA. Por outro lado, é possível perceber que o interesse pelo tema aumentou a partir do ano de 2010 e ganhou maior volume de publicações a partir de 2012.

Com esse trabalho percebe-se que poucos falaram sobre a prática docente, sobre a atuação da escola na educação inclusiva satisfatória que visa além do bem estar do aluno TEA

o seu desenvolvimento em diversas áreas do conhecimento sobre a linguagem alternativa que pode servir de ponte na comunicação entre profissionais e alunos não verbais, não sustentam informações sobre métodos de ensinos, adaptações de materiais e no próprio currículo, assim como não exploram sobre ferramentas de apoio e intervenções pedagógicas.

As estudiosas, ainda a fim de explorar mais na temática a ação pedagógica como essencial na carreira escolar do aluno incluindo na educação especial, aponta caminhos que traduzem uma boa ação que visa o progresso, para isso cita o que Nascimento et al(2015), no qual “no contexto da sala de aula, investigaram os benefícios da educação musical para o desenvolvimento da interação social de crianças com TEA e seus pares. O trabalho demonstrou que a participação em uma tarefa estruturada permite o aumento de iniciativas e respostas funcionais, bem como a aquisição, conservação e aperfeiçoamento de comportamentos”.

O artigo O Estado da Arte Sobre Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno do Espectro do Autismo no Brasil de Juliana de Oliveira e Cristiane Silvestre de Paula também segue numa linha exploratória de fontes sobre a temática partindo por enfatizar a prática de escolarização diante da ideia de inclusão de alunos TEA nas redes de ensino regular no Brasil no periódico estabelecido. Porém tão logo explana sobre o número ínfimo de artigos identificados. Com isso, fez-se necessário partir para estratégias de buscas por descritores, através de contatos de especialistas na área e também buscas bibliográficas encontradas nas referências dos materiais selecionados. Elas organizaram o trabalho de modo que contemplasse os seus objetivos e pudessem orientar os leitores com citações que sustentam o paradoxo temporal que estava a educação inclusiva no país.

Alguns autores se abstendo da responsabilidade de apontar erros e se conformando com o tipo de acolhimento sem estrutura física e pedagógica e outros que escancaram pontos de vista e assumem a precariedade da formação de profissionais que lidam com alunos TEA e não promovem avanços cognitivos, condicionam a escola ao conformismo através do que já está enraizado. Segundo as autoras, “apesar desta polêmica, há um consenso de que o que realmente importa é a oferta de uma educação de qualidade a todos os educandos, mesmo que ainda não haja um consenso sobre o local e a forma de fazê-lo”.

Acontece que a escola com os avanços ao que se refere à legislação foi acolhendo alunos num despreparo, apenas para atender a obrigatoriedade e os pais por sua vez mesmo que não acreditem na inclusão permanecem levando seus filhos por que querem um atendimento igualitário, sendo que, para atender as necessidades específicas e notórias de muitos alunos, faz-se necessário direcionamento adequado e oportuno diante dos estímulo com o meio social

que é a escola, podendo ampliar repertório de aprendizagens com o currículo pensado para estes.

Este trabalho em especial trouxe relatos através de estudos de autores fortes na temática e pode trazer para o texto relatos de professores da rede regular de ensino, estes falaram sobre suas práticas, dificuldades encontradas e expectativas. Para as estudiosas o estudo mais completo foi o de Gomes e Mendes (2011), pois, segundo elas, este estudo tem como objetivo, “traçar as características básicas dos alunos, analisar os caminhos para efetivação da matrícula desses nas escola regulares, descrever os programas/profissionais de suporte existente nas escolas estudadas, bem como levantar informações sobre aprendizagem dos conteúdos pedagógicos”.

No quadro abaixo, encontra-se cinco artigos explorados no trabalho de pesquisa, encontrados no Google Scholar, um site acadêmico. Pode-se perceber que os referidos trabalhos foram publicados entre o ano de 2012 a 2019 em revistas que prezam por publicações que ajudem na área educacional, mas que pregam estudos da área da saúde.

Quadro 1 – Os estudos de revisão encontrados		
Título	Revista	Ano
Inclusão Escolar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão sistemática da literatura.	Educação em Revista.	2017
Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA.	Psicologia Escolar e Educacional , SP. Volume 22. Número 3.	2018
Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.	Saúde soc. São Paulo, v 28, n 3, p 2010 - 223.	2009
Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a partir da análise da produção científica disponível na Scielo Brasil (2005-2015)	EPAAA	2016
Estado da arte sobre Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno do Autismo no Brasil.	Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v 12, n 1,p 56-65.	2012

No quadro 2, consta doze profissionais que atuam em áreas da educação e saúde e suas respectivas regiões de origem, assim como vínculos institucionais. Profissionais preocupadas em explorar conteúdos a partir da linha de base de estudo e foram fiéis aos segmentos escolhidos, souberam atribuir valores aos trabalhos mencionados nas entrelinhas que caracterizaram a seriedade de todas as informações explanadas em método quantitativo e qualitativo. Deixaram claras as minúcias das contribuições de pesquisas realizadas dentro do

contexto evidenciando os periódicos e conceitos de nomes consagrados de outros pesquisadores em seus ofícios.

Quadro 2 – Os autores e suas vinculações institucionais			
Título Inclusão Escolar de Crianças com Transtornos do Espectro Autista: Uma revisão sistemática da literatura.	Autor(a) Angela Helena Marin Cristiane Soares Cabral	Região de Origem Vale dos Rios	Vínculo Institucional Universidad e do Vale do rios dos Sinos(Unisinos)
Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA.	Isabel de Barros Rodrigues Carla Biancha Angelucci	São Paulo	Universidad e de São Paulo
Educação de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista :estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil(2008-2016).	Andrea Soares Wuol	Santa Catarina	Universidad e regional de Blumenau
Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a Partir da Análise da Produção Científica Disponível na SciELO Brasil (2005-2015)	Fabiana Ferreira do Nascimento Mara Monteiro da Cruz	Rio de Janeiro	Universidad e do Estado do Rio de Janeiro
Estado da arte sobre Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno do Autismo no Brasil.	Cristiane Silvestre de Paula Juliana de Oliveira	São Paulo	Universidad e Presbiteriana Mackenzie

Nesse quadro são expostos os objetivos de cada artigo. Em todos os artigos nota-se o olhar sensível para a educação inclusiva que é voltada para a preocupação de como está sendo realizada a escolarização dentro do contexto legal e institucional, para tanto, profissionais

analisaram, mapearam por categorias os conteúdos , descreveram estruturalmente e revisaram materiais publicados atentas aos periódicos.

Quadro 3 – Objetivos das revisões		
Autor, ANO	Título	Objetivo(s)
CABRAL E MARIN, 2017	Inclusão Escolar de Crianças com Transtornos do Espectro Autista: Uma revisão sistemática da literatura.	Revisar com base em literaturas nacionais e internacionais com temáticas semelhantes sobre inclusão Escolar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), atentando para o período e periódico e também metodologias.
ANGELUCCI e RODRIGUES, 2018	Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA.	Mapear a produção científica brasileira sobre a escolarização de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo (TEA) em classes comuns de escolas regulares.
WUO, 2019	Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.	Analisar o estado do conhecimento sobre educação de pessoas com “transtorno do espectro autista”, a partir de teses e dissertações produzidas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil entre os anos de 2008 e 2016.
CRUZ e NASCIMENTO, 2016	Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a Partir da Análise da Produção Científica Disponível na SciELO Brasil (2005-2015)	Mapear e analisar o estado da arte acerca do processo de escolarização desse sujeito, ao longo de uma década, disponível na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO-Brasil).

OLIVEIRA e PAULA,2012	Estado da arte sobre Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno do Autismo no Brasil.	Objetivos deste estudo são: (1) descrever como tem sido estruturado legalmente o processo de inclusão escolar de indivíduos com Necessidades Educacionais Especiais, incluindo os Transtornos do Espectro do Autismo no Brasil; (2) investigar o cenário atual da produção científica referente à inclusão escolar de crianças com TEA no Brasil.
-----------------------	--	---

O quadro 4, apresenta o ano de publicação de cada artigo estudado, dentro do periódico estabelecido que antecederam as buscas. Encontra-se também os tipos de revisões, assim como bases de dados reconhecidas com os comprometimentos das publicações e informações expostas. Dos cinco artigos estudados, três apresentam revisões bibliográficas: Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil; Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo a Partir da Análise da Produção Científica e Estado da arte sobre Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno do Autismo no Brasil.

Nessas atividades de pesquisas, as autoras discutiram sobre a relação da educação de pessoas com TEA no nosso país; num contexto de escolarização que demonstra indicativo de que precisa melhorar para incluir verdadeiramente sob proposta legal baseada em documentos. Tudo isso a partir de sinalizações feitas de outros autores mencionados que por vezes as ajudaram com entrevistas reveladas, sobre o que acontece nas escolas numa realidade assistida. Pode-se encontrar nesse quadro um estudo com revisão sistemática de literatura: Inclusão Escolar de Crianças com Transtornos do Espectro Autista: Uma revisão sistemática da literatura. As autoras desse trabalho nos apresentaram estudos semelhantes ao exercício de busca das mesmas, analisaram estatisticamente os dados recolhidos e apresentaram no corpo do texto de maneira clara, evidenciado o contexto da temática discutida. Por aqui ainda é possível encontrar 1 artigo de revisão que difere das demais citadas até aqui, uma revisão bibliométrica: Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA. A professora que tem experiência na área de educação coletou informações em trabalhos selecionados com a mesma linha de sua pesquisa a partir de um sensível olhar sobre a maneira errônea que se estabelece a inclusão sob diagnóstico do TEA.

Quadro 4 – Base de dados estudada		
Autor, ANO	Tipo da revisão	Base de dados estudada
CABRAL e MARIN, 2017	Revisão sistemática de literaturas	LILACS, BVS, SCIELO E CAPES, EBSCO host e Medline.
RODRIGUES e ANGELUCCI, 2018	Revisão bibliométrica	Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-psi). Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e o Índice e Repositório de Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). Também foi consultado o Banco Digital de Teses e Dissertações (Bdtd).
WUO, 2019	revisão bibliográfica	Base em teses e dissertações disponíveis na BDTD/IBICT.
CRUZ e NASCIMENTO, 2016	Revisão bibliográfica	Artigos disponibilizados, em língua portuguesa, na base de dados da SciELO.
OLIVEIRA e PAULA, 2012	Revisão bibliográfica	(Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS, BIREME) que inclui as bases de dados Medline, Lilacs, Biblioteca Cochrane e Scielo.

No quadro 5, observa-se ter acesso aos materiais utilizados nos artigos em destaques, que foram por seguinte referidos na minha pesquisa. As bases de dados estudadas e recortes temporais são pertinentes ao tema inclusão e escolarização. O recorte foi muito bem realizado a partir do periódico estabelecido, que delimitou espaço facilitando a leitura, em todas as obras, foi revelado os aspectos que serviram para firmar minha atividade de busca e ajudou a concretizar por fim da obra a minha conclusão.

Quadro 5 – Procedimentos metodológicos da revisão			
Autor, ANO	Base de dados estudada	Descritores de busca utilizados	Recorte Temporal
CABRAL e MARIN, 2017	25 Artigos de periódicos científicos nacionais publicados entre 1998 e 2014, 92 internacionais publicados entre 1993 e 2013..	Transtorno do Espectro Autista (TEA) , criança e inclusão escola	O trabalho esboça um panorama quantitativo sobre o tema da investigação e seus objetivos a partir de reunião de trabalhos lançados durante uma década.
ANGELUCC I e RODRIGUES , 2018	Foram selecionados 16 artigos, dissertações e cinco teses, totalizando 52 trabalhos para o corpus de estudo. Uma investigação sobre os autores e as instituições em que as pesquisas foram realizadas, usando como referência os currículos.	Autismo, educação especial e educação inclusiva.	Já no século XX, a partir dos movimentos de vida independente das pessoas com deficiência. Numa busca crítica sobre práticas de ensino excludentes do espaço escolar regular. As autoras investem no Brasil em suas pesquisas e revelam a alta do número de matrículas em classes comuns com a implementação de política nacional de educação especial, na perspectiva de educação inclusiva, em pouco mais de uma década os materiais explorados pelas mesmas apontam em quantidade a superação da procura por espaço comum a todos em ensino.

WUO,219	<p>Trabalho realizado em duas etapas.</p> <p>Primeiro Levantamento sistemático de teses e dissertações por seguinte realizou-se uma análise de conteúdo. Foram encontradas 154 pesquisas sobre autismo em todo o Brasil.</p>	<p>Transtorno do Espectro Autista;Estado do Conhecimento e Educação Inclusiva.</p>	<p>Em pouco menos de uma década nota-se a concentração dos trabalhos produzidos na área da educação entre os anos de 2014 e 2016.Com relação aos assuntos abordados nas 19 pesquisas da área da educação, foram identificadas pela autora,cinco categorias, a saber: desenvolvimento motor,ensino e aprendizagem, família e inclusão escolar.</p>
---------	--	--	---

<p>CRUZ e NASCIMEN TO,2 016</p>	<p>Estudo por categoria de materiais selecionados, total de 22 artigos explorados.</p>	<p>Transtorno do espectro do autismo; escolarização e estado da arte.</p>	<p>As autoras conseguiram fazer um recorte temporal a partir um período no Brasil em que houve a aprovação de diversas normativas legais para a inclusão escolar, algumas específicas para alunos com TEA.</p> <p>A partir do mapeamento e das análises realizadas de trabalhos publicados ao longo de uma década, foi possível para as mesmas descobrirem uma precariedade de trabalhos sobre escolarização, organização e aplicação de estratégias ou recursos em sala de aula .</p>
---	--	---	--

<p>OLIVEIRA e PAULA,2012</p>	<p>Com base em 3 estratégias de busca, incluiu nessa pesquisa, artigos teóricos, livros, teses, documentos públicos nacionais foram localizados 361 estudos. Dois artigos persistiu, uma dissertação de mestrado e duas teses de doutorado brasileiras sobre o tema, sendo três resultados de estudos de caso (SUPLINO, 2007; SERRA, 2008;FARIAS; MARANHÃO; CUNHA, 2008), uma pesquisa etnográfica (MARTINS, 2007) e apenas um trazendo uma amostra expressiva,com uma abordagem descritiva e enfoque quanti-qualitativo (GOMES; MENDES, 2010).</p>	<p>Transtorno Autístico, Síndrome de Asperger, Educação Especial e Políticas Públicas.</p>	<p>O estudo permitiu que as autoras encontrassem no Brasil possui um arcabouço legal durante um período no que tange às políticas de educação inclusiva de indivíduos com NEE que derivaram de importantes documentos internacionais dentre os quais se destacam: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990); a Declaração de Salamanca (1994); a Declaração de Guatemala (1999) e a Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2006). A partir disso, esmiúçam trabalhos anuais publicados por grandes autores no período de 2007, 2008 e 2010.</p>
------------------------------	---	--	---

O quadro 6 revela os estudos que serviram de base nos artigos. Os estudos de revisões se basearam em dados que foram analisados e categorizados de maneiras diversificadas, numa qualidade primária que antecedeu os referidos trabalhos, existiu uma organização que levou ao objetivo principal de maneira coerente e marcado por uma linha segmentar unanimemente. Posterior a isso, temos uma originalidade nas ideias das pesquisadoras que atingiram as expectativas ao falar, por exemplo, sobre os diagnósticos de TEA que antecede a ação errôneas de profissionais da educação contaminados com os aspectos que envolvem características dos sujeitos diagnosticados no espaço escolar de ensino regular. Outro fator muito importante e muito mencionado nas fontes exploradas, foi a precariedade de materiais educacionais publicados que poderiam atender as necessidades pedagógicas e servir de apoio à formação de educadores frente à inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Quadro 6 – Tipo de estudos revisados		
Autor, ANO	Estudos Revisão	Estudos Originais
CABRAL e MARIN. 2017	Foram localizados	A inclusão escolar é um movimento que ocorre mundialmente e se fortaleceu internacional e nacionalmente nos anos 90, a partir de leis e diretrizes governamentais, tendo tido maior divulgação nas últimas décadas (CABRAL, MARIN,2017, PÁGINA 17)
ANGELUCCI e RODRIGUES, 2018	Revisão de conteúdos que explorem a escolarização de alunos com TEA a partir da expectativa educacional, propostas dentro do processo pedagógico.	Assim, entendemos que o estabelecimento do diagnóstico biomédico como verdade sobre o sujeito não é operativo para a educação. Isso porque o rótulo que reduz questões subjetivas, sociais e políticas a um diagnóstico nosológico desimplica o professor de seu trabalho. (ANGELUCCI, RODRIGUES, 2018,p 10).
WUO,219	Análise de conteúdo que explorem a escolarização dentro do contexto pedagógico	A perspectiva de educação inclusiva, contudo, resume-se, em alguns trabalhos, à educação especial e à aproximação a um modelo biomédico de deficiência. Nesse caso, assim como a deficiência, a inclusão escolar é concebida pela ótica do déficit, da falta, dos prejuízos ora atribuídos às dificuldades dos estudantes, ora dos professores, ora das famílias, recaindo-se em uma tendência à culpabilização, reproduzindo, ainda que sob aparatos distintos, as teorias ontológicas da doença (WUO,2019.P).

<p>CRUZ e NASCIMENTO,2016</p> <p>OLIVEIRA e PAULA, 2012</p>	<p>Dados categorizados</p> <p>Estudos de casos</p>	<p>Para as autoras, embora seja considerado o avanço das políticas públicas acerca dessa temática, o mesmo ainda não se reflete na prática pedagógica, de maneira generalizada, onde a diferença ainda persiste, reforçando, a partir disso, a desigualdade.</p> <p>Por meio de uma entrevista semiestruturada, foi realizado um estudo em uma escola particular da zona sul do Rio de Janeiro, no intuito de saber se duas professoras em classes de educação infantil estavam preparadas para atuarem com a prática inclusiva a fim de promover desenvolvimento cognitivo utilizando a Escala de Avaliação da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Rate Scale -MLE Scale), desenvolvida por Cunha (2004).</p>

No sétimo quadro, existe um compartilhamento de resultados encontrados. As lacunas na maioria dos artigos foram a fragilidade, a precariedade de publicações na área da educação. As autoras tiveram mais acesso aos materiais de punho da área médica, uma revelação que pode justificar a falta de despreparo de muitos profissionais que se acomodam pelos indicativos que acompanham as entrelinhas do laudo médico e prende a atuação que poderia ser diversificada e atendessem as necessidades de cada aluno em sua singularidade. Pouco foi encontrado sobre métodos de ensino, adaptação curricular, procedimentos, assim como ferramentas de apoios pedagógicos que possibilitem aprendizagem de maneira significativa e satisfatória ao aluno em evidência.

Quadro 7 – Resultados encontrados	
Autor, Ano	Lacunias científicas, achados, avanços, contradições e fragilidades dos estudos
CABRAL, MARIN 2017	(Ao menos 03 para cada estudo) Foram encontrados 25 estudos nacionais entre 1998 e 2014 e 92 internacionais publicados entre 1993 e 2013, esses dados apontam uma fragilidade na divulgação de informações sobre o tema no Brasil, apesar de no país o governo ter criado políticas e diretrizes que permitiam avanços na ingresso de alunos com TEA. Faltaram nas publicações aprofundamentos sobre a participação e contribuição familiar no processo.
ANGELUCCI e RODRIGUES, 2018	Com a revisão dos estudos analisados, as autoras descobriram que, muitos estudiosos que publicaram seus materiais falando sobre inclusão de alunos com diagnósticos de TEA, são em maioria da área de saúde e desse modo enfatizam o histórico do diagnóstico, assim como a educação especial, porém não priorizam segundo as autoras, a discussão sobre os aspectos próprios da educação, como letras e números, o pensar a aprendizagem desses alunos é quase nulo.
WUO, 2019	A pesquisa permitiu identificar 154 produções acadêmicas, entre teses e dissertações, publicadas na BDTD do IBICT. Foi possível, assim, identificar o crescimento das produções a partir do ano de 2010 concentradas sobretudo na região Sul.
CRUZ e NASCIMENTO, 2016	Com o estudo as autoras concluem que, há uma diversidade de fatores que intervêm na escolarização de alunos com TEA. Fatores socioemocionais, culturais e formativos. As relações e interações entre professor e o aluno, a estrutura curricular do ensino, assim como, as percepções sobre o desenvolvimento do aluno. Também constata a ausência de materiais nacionais que tratam mais de procedimentos, recursos pedagógicos, estratégias de ensino e escolarização.
OLIVEIRA e PAULA, 2012	A partir da revisão de estudos de casos de autores que objetivaram a inclusão efetiva de alunos com TEA nas redes de ensino regular no Brasil, em idades diversas partindo das séries iniciais, as autoras, perceberam uma falta de domínio de muitos profissionais frente a modalidade de ensino, todavia refere-se a ausência de formação desses profissionais frente às pesquisas ao precário número de trabalhos publicados que contemplem a escolarização desses alunos de maneira cuidadosa partindo da ideia de incluir sob estrutura legal, porém atentando à necessidade singular de cada sujeito no processo de ensino.

O oitavo quadro demonstra as considerações finais a partir dos resultados encontrados, aqui as autoras indicam suas ideias a partir de fontes primárias que as ajudaram na busca de suas respostas. Cada artigo aqui mencionado nos pressupostos, revelaram uma preocupação com a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista(TEA), a maneira como a escolarização vem sendo exercida nas redes de ensino regular do Brasil chama atenção para uma tendência que é de insustentabilidade desses sujeitos nos espaços que poderiam acolher

de maneira mais efetiva. Alguns desses artigos reforçaram a concepção de que os materiais nacionais que temos dispostos são insuficientes para informar e formar profissionais capacitados nas instituições de ensino que dizem atuar com inclusão.

Quadro 8 – Considerações finais e recomendações dos estudos	
Autor, Ano	Lacunas científicas, achados, avanços, contradições e fragilidades dos estudos
CABRAL e MARIN, 2017	(Ao menos 02 para cada estudo) Esse estudo de revisão sistemática da literatura oferece um panorama dos estudos de inclusão escolar de crianças com TEA em nível nacional e internacional , além disso resgatou fontes importantes na área do conhecimento e aponta temas que estão sendo investigados. Apesar disso, faltou adentrar mais no processo ensino aprendizagem como apoio aos profissionais da educação, partindo do foco da revisão que foi de inclusão escolar regular.
ANGELUCC I e RODRIGUES, 2018	A pesquisa aponta para a construção de uma escola para todos, pautada no trabalho ético dos profissionais de Educação.A escola carrega saberes e legitimidade social para se ocupar do projeto de escolarização de seus alunos, desse modo, segundo as autoras , se faz necessário pensar nas barreiras que não são encontradas nesses alunos com TEA que precisam aprender e socializar nos espaços educacionais.
WUO,219	Com esse estudo a autora conclui que existe uma concentração de materiais que retratam a inclusão a partir do domínio da área médica , relata a necessidade de um olhar sob condições educacionais que verdadeiramente incluam alunos com Transtorno do Espectro Autista, entendendo-os e os enxergando de maneira individual.
OLIVEIRA e PAULA,2012	Para as autoras, faz-se necessária a realização de estudos brasileiros com dados empíricos que abordam a inclusão escolar desses alunos sob a perspectiva dos pais e dos profissionais.

CONCLUSÕES FINAIS

Com alicerce nos objetivos da pesquisa, a qual se propôs neste estudo bibliográfico, foi aceitável tirar algumas ideias a respeito de como se tem hoje a compreensão do processo de inclusão dos alunos com TEA. Notando que diversos autores estudados oferecem um alerta, um dos grandes desafios que se deposita no quadro atual, está em organizar os programas, as famílias e as comunidades dos recursos técnicos, materiais e humanos indispensáveis à promoção do desenvolvimento e educação do discente. Em parceria com a família, os profissionais contribuem com o trabalho do Psicopedagogo e a inclusão deste cidadão na rede regular de ensino, com habilidades e competências para construir sua autonomia e a sua autoestima.

Dessa forma, fica explícito que a educação é um direito de todos, que não existe um espaço normativo e para tanto, que a inclusão não é atitude de liberar vaga para alunos que necessitam serem incluídos nas redes de ensinos, por detrás dessa atitude deve priorizar o acolhimento e todo propósito de escolarização que reconheça, sobretudo os limites, pois não existe uma escola pronta para atender a necessidade de cada indivíduo, mas o olhar sensível aponta que a relação apronta um lugar adequado ao saber fazer e saber aprender, pois sabemos que a cognição tem uma relação muito forte com o ambiente e as respostas dependem desse meio organizado e preparado para dar estímulos.

A família, junto com os profissionais das áreas de saúde e educação, exerce uma influência importante no desenvolvimento da criança com autismo. A estimulação precoce, basicamente feita com brincadeiras no cotidiano do lar, faz com que a criança conheça a si e ao espaço em que vive, reconheça os objetos, meios e pessoas, contribuindo com algo essencial e relativamente simples para seu desenvolvimento físico, afetivo e intelectual que é o contato com a sua realidade.

Durante as etapas do trabalho foram feitas algumas reflexões, tão logo a partir da seleção de materiais de estudo, percebendo que os temas reforçaram na busca pela semelhança sobre a inclusão de alunos diagnosticados com (TEA) Transtorno do Espectro Autista, foi possível assim, reconhecer a precariedade de exposição de conteúdos que ajudem os profissionais da educação em seu âmbito de trabalho sob as dificuldades encontradas no processo de escolarização desses aprendizes. As autoras dos artigos explorados neste estudo de revisão, também apontaram uma carência de publicações sobre a escolarização, entendendo a necessidade das escolas se apresentarem em sua importância, fugindo para tanto de propostas baseadas em realidades médicas.

Dessa maneira pode-se então adentrar mais para a proposta real de incluir alunos com TEA nas redes de ensino regular do Brasil de maneira significativa para eles, com propostas

baseadas em procedimentos pedagógicos e menos na área da saúde, pois a intenção não é tornar a escola numa clínica de atendimento direcionado a partir de um diagnóstico, mas num espaço que realiza de fato ações de escolarização atentando para necessidade pedagógica

de cada aluno. Deve-se estudar mais sobre o transtorno sim, porém devemos nos desassossegarmos e buscar informações sobre, ferramentas, métodos de ensino, adaptações curriculares e de espaços físicos, objetos de apoios e procedimentos adequados, intervenções pedagógicas, e muito mais mecanismos que tornem possível ensinar e tornar o conhecimento uma aquisição para os alunos com Transtorno do Espectro Autista(TEA).A escola deve imaginar um cenário no qual os familiares possam entrar mais com apoios, proporcionar encontros entre os responsáveis e os profissionais da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial: MEC, SEESP, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Brasil. (2008). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC.

CABRAL, Cristiane. MARIN, Angela. **Inclusão Escolar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática da Literatura**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n 33 2017.

Desafios No Processo De Escolarização De Crianças Com Autismo No Contexto

Inclusivo: Diretrizes Para Formação Continuada Na Perspectiva Dos Professores. Educ. rev. vol.36 Belo Horizonte 2020 Epub July 10, 2020.

Diagnóstico do Autismo. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/conheca-os-10-principais-sinais-de-autismo/>, acessado em outubro/2021.

FERREIRA, Pedro. **Traduzindo o Autismo**. Rev. bras. Ci. Soc. vol.36 no.106 São Paulo 2021 Epub Mar 12, 2021.

GIL, Antônio Carlos, 1946-**Como elaborar projetos de pesquisa** - 4 ed São Paulo : Atlas, 2002.

Inclusão de alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento:

atravessamentos nos currículos escolares. Alexandro Braga Vieira, Ines de Oliveira Ramos e Renata Duarte Simões .Disponível em: [h://doittps.org/10.1590/s1678-4634201844180213](https://doi.org/10.1590/s1678-4634201844180213) acessado em outubro/2021.

Inclusão Escolar. **O que é? Porquê? Como fazer?** MANTOAN Maria Tereza, 2015.

Inclusão: Revista da Educação Especial/Secretaria de Educação Especial. V. 4, n. 1, p. 07-17 (janeiro/junho 2008). – Brasília: S

ecretaria de Educação Especial, 2008.

NOLTE, Dorothy. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro. Sextante, 2003.

Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes, Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

Nascimento, F. F., Cruz, M. M., & Braun, P. (2017). **Escolarização de pessoas com transtorno do espectro do autismo a partir da análise da produção científica** disponível na Scielo-Brasil (2005-2015).Arquivos Analíticos de Políticas Educativas.

OLIVEIRA, Juliana. SILVESTRE, Cristina. Estado da arte sobre inclusão escolar de alunos com TEA no Brasil. Distúrbios de desenvolvimento. São Paulo, n 1. 2012..

Resolução Cne/Ceb Nº 2, De 11 De Setembro De 2001.(*) Institui Diretrizes Nacionais Para A Educação Especial Na Educação Básica.

RODRIGUES, Isabel. ANGELUCCI, Carla. **Estado da Arte da Produção sobre Escolarização de Crianças com TEA**. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, n 3 2018.

(RODRIGUES, Viviane,ALMEIDA, maria) **Implementação do Pecs Associado ao Point-Of-View Video Modeling na Educação Infantil para Crianças com Autismo**. Rev. bras. educ. espec. vol.26 no.3 Bauru July/Sept. 2020 Epub Aug 21, 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barboza; GAIATO, Mayara; REVELES; Thadeu. **Mundo Singular: Entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOARES, Andrea. **Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo**. Saúde Soc. São Paulo, n 3. 2019.

TIBA, Içami. **Quem ama educa: Formando cidadãos éticos**. São Paulo: integrante Editora, 2007.

VASCONCELLOS ,Simone, RHAME, MONICAT, GONÇALVES, Taísa. **Transtorno do Espectro Autista e Práticas Educativas na Educação Profissional.** Rev. bras. educ. espec. vol.26 no.4 Bauru Oct./Dec. 2020 Epub Dec 18, 2020.